

Meu lugar é onde quero estar:

relato da roda de conversa sobre a empregabilidade da mulher com deficiência visual
no V Encontro Nacional do Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas
e com Baixa Visão (MBMC)¹

Olivia von der Weid²

Gislana Monte Vale³

Clarissa Cristina Oliveira Gonçalves⁴

Rita de Cássia Guaraná Bello⁵

Resumo

Este texto é um relato de autoria compartilhada entre mulheres integrantes do Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas e com Baixa Visão (MBMC) e a antropóloga Olivia von der Weid, fruto da roda de conversa sobre a empregabilidade da mulher com deficiência visual vivenciada no V Encontro Nacional do movimento, com a facilitação de Olivia von der Weid.

Palavras-chave: gênero; deficiência; ativismo.

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020, no GT 43: Etnografias da deficiência.

² Antropóloga, Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense, coordenadora do CONATUS – Laboratório de Pesquisas sobre Corpos, Naturezas e Sentidos.

³ Professora Mestre em Avaliação de Políticas Públicas (UFC), consultora em Acessibilidade Cultural, colaboradora do GT de Acessibilidade Cultural -CE; Articuladora de Programas e Projetos COPID/SPS-CE, integrante da coordenação executiva do Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas e Com Baixa Visão.

⁴ Ativista, atriz, coordenadora administrativa da Associação Baiana para Cultura e Inclusão, conselheira do Conselho Estadual dos Direitos das Pessoas com Deficiência da Bahia, integrante da coordenação executiva do Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas e Com Baixa Visão.

⁵ Socióloga (UFRPE), Mestre em Antropologia (UFPE), analista social da Secretaria de Desenvolvimento Social, juventude, política de drogas e Direitos Humanos da Prefeitura da cidade de Recife, conselheira do COMUD Recife e integrante da coordenação executiva do Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas e Com Baixa Visão



Encontro de mulheres fortes, vindas com seus corpos desviados dos mais diversos cantos e recantos de um imenso país. Em Curitiba se reuniram por 4 dias no V Encontro Nacional do Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas e com Baixa Visão, em outubro de 2019. O que as trazem até aqui? Corpos que foram, em algum momento da história, marcados por uma dupla qualidade diferencial da existência: ser mulher com deficiência visual. Ser mulher com deficiência visual em uma sociedade que vezes sem conta nem considera a diferença da deficiência como marcador social digno de ser mencionado nas fileiras da opressão e da desigualdade. Experiência comum é ler ou escutar solidárias palavras de reconhecimento às diferenças de classe, raça, etnia, gênero, sexualidade, por vezes até geração. E as vidas com deficiências persistem num vazio. Eventualmente contabilizadas como outras, etcetera. Silenciamento cortante que bem exprime o não pertencimento ao modo de vida dominante o qual a maioria de nós, humanos, nunca tomará parte e, no entanto, continua a sufocar a existência de todos. De onde viemos? Para onde vamos? Para que serve? Quem sou? A quem interessa? Perguntas que arrepiam na pele.

Suas experiências de vida insistem em iluminar a natureza múltipla da humanidade no seio de uma cosmologia que tomou o corpo como substrato universal, independente e autômato. Aquelas cujas corporalidades resistem ao adestramento que molda e assujeita os corpos produtivos da modernidade (Foucault, 2010). A segunda natureza que a socialização colonial-capitalista a todos impõe - a normalidade útil e capaz - é também a mesma que oprime e exclui corpos diversos que, impossibilitados de performar a subjetividade civilizatória e seus protocolos normativos de comportamento, são muitas vezes jogados na fronteira da humanidade (Hughes, 2012).

Possibilitar que as pessoas com deficiência ganhem acesso ao sistema tal como ele atualmente se apresenta, ou incluí-las nos compromissos e nas vidas de pessoas “corporalmente capazes” apenas quando for conveniente para elas, não muda a lógica capacitista pela qual o sistema se organiza. Lógica que cada um de nós corporalmente sustentamos na maneira como nos movemos e fazemos as coisas na vida cotidiana. Está na hora de evocar, como já disse Mia Mingus, o poder transformativo da deficiência.

As mulheres ali presentes elegem todos os dias não se encolher diante de experiências que assombram seus corpos com a incapacidade. Exorcizar de si o

capacitismo, pressuposto de normalidade que cotidianamente se materializa nos prédios e nas calçadas, nas métricas e nas relações, que salta das esquinas, perdura nos sinais, por vezes ressoando nos inevitáveis pedidos de ajuda e nas conhecidas e perversas histórias de superação. Devolver ao social o que é do social. É exaustivo. Não é fácil estar sempre se fazendo o contraponto de si. Transformação externa que passa por uma transformação interna: dos medos, dos padrões aprisionantes, das posições que se deixou de tomar por conta de uma força contrária arbitrária, que nem sempre se pode enfrentar sozinha. Por isso se coletivizam. Desacomodam o movimento. Ousam olhar para o futuro e pensar: mereço um lugar melhor. Não se deixam engessar em nenhum estereótipo. A realidade se constrói por apaixonamento. O desejo do novo brota no ventre, encontra passagem entre os poros e gera o envolvimento que nos trouxe até aqui.

A elaboração da subjetividade não nos cobra inegavelmente o preço do acerto. Vive-se pequenas impossibilidades cotidianas, como sentar no lugar errado, tomar a bebida por engano de um copo que não é o seu, não falar com alguém com quem desejaria encontrar porque não achou, ou não reconheceu a sua voz no meio de uma algazarra. As trajetórias não são individuais. Estão enredadas em trama mais ampla: social, cultural, política, simbólica. O que reverbera na outra, reverbera em mim. O conhecimento liberta, mas tem que passar pelo corpo. Está comigo, mas só cresce quando compartilho. Pensar é se articular com a vida. Se sou líder de mim os passos trilhados talvez possam inspirar outros caminhos. Quando falo também estou ouvindo. A outra sou eu. Silêncio e escuto.

Voltemos àquela manhã. –“O que aquela mulher que li os artigos teria a nos dizer?”; –“O que me autoriza a estar aqui?”, por seu lado pensava a mulher dos artigos, tocada com as histórias de lutas, impactada com a potência dessas mulheres e a energia da comunhão circulando em seu corpo nos três dias de intensos trabalhos. São sempre as tramas dos encontros e das relações que autorizam. Em uma palavra: confiança. Fiar juntas. A expectativa era bastante grande. Estávamos todas nos oportunizando a conviver uma nova experiência.

Unidas em roda, as mãos atadas fazem girar o pulso e o calor de vidas femininas. A coragem quando é circular contamina, ousamos dar um passo além. Com suas presenças presentes desafiam o rótulo da incapacidade e da falta, redutor de existências. As vozes se calam por um instante para que entrassem em contato com tudo aquilo que tivesse dificultado ou impedido sua trajetória de vida profissional. Ao invés de palavras ao vento, expressariam os rastros das opressões vividas por sonoridades,

formando pequenos grupos por ressonância dos padrões vibratórios que faziam tremer o corpo e as cordas vocais.

Das bocas saem sons que “a lógica do sentido ainda não ocultou totalmente” (Artaud, 1995, p.21), a base orgânica das palavras, aquilo que ainda resta de gesto oprimido. Um “Ai!” saído das profundezas da memória de uma intensa dor suscita de demais mulheres outros padecidos “AIS”. Sofrimentos cravados na alma. Dores que se imaginavam esquecidas emergem e são por um instante revividas. Impregnação da consciência pelas marcas sensoriais. Estamos no “mundo dos contágios” (Borges, 2019, p. 39), em que os corpos, por meio do encontro com outros corpos, provocam a emergência de suas partes repelidas. Dores compartilhadas são dores amenizadas. Juntas nos deixamos afetar por elas, aumentando e dinamizando no encontro de corpos as suas potências. Viabilizando a emergência de corpos vivos, que possam existir afirmativamente.

Lembranças torturantes permeavam as narrativas, gerando uma sintonia que suplanta a materialidade das bagagens de vida. Nos grupos os relatos se encontravam na essência. O choro de uma era o choro de todas. A solidão familiar, social, profissional. Histórias ferinas como as de uma família que jogou a menina no rio porque era deficiente. Outra cuja mãe deixou ao deus-dará, vivendo com uma pessoa desconhecida que a maltratava. Ser considerada vítima ou heroína. Se acostumar em não ser compreendida, patinho feio, parecer uma estranha no ninho: -“Tão bonita! Pena que é cega...”. Como ponto de congruência lá estava toda a carga de perversidade e preconceito, atrelada à discriminação ostensiva sobre seus corpos. Vida não vivida, mal vivida, violada. Não compreendida, não possibilitada, não investida, não aceita, não respeitada, não priorizada... Tantos não. Mas não queremos, não podemos esperar. A vida é agora!

A estratégia de sobrevivência muitas vezes foi minimizar os problemas, não perder o foco, manter a capacidade de resiliência e ignorar boa parte do que vinha das outras pessoas. O espírito de luta, a vontade de vencer, a necessidade vital de encontrar aquela força que nasce nas entranhas de nós mesmas. Fortalecimento nas parcerias, determinação para buscar o melhor para si e não deixar que seu destino realize o que já estava preestabelecido pela sociedade. Dizer um sonoro Não e ir em busca do Sim.

Nos anos que passam nos enredamos com outras mulheres cegas, elaboramos novos discursos, estamos mais abertas a falar de nossos desejos, de nossa juventude, de nosso envelhecimento, de nossa sexualidade, de nossos preconceitos, de nossas

impropriedades, nossos filhos. Das violências. De tudo o que cometemos e do que cometem contra nós. Da certeza quase poderosa, e ao mesmo tempo irremediável, de que isso não pode ser chamado de superação. É a nossa força vital, que nos move, que nos apropria de nós e, como diz uma grande mulher de nosso movimento, reverbera - sobre e dentro de nós - mulheres com deficiência visual. Ao mesmo tempo que nos marca e transforma, nos impele a caminhar.

"O que representou aquela risada?". Muito gostosa, muito espontânea a risada dela. É uma risada de vitória, não de deboche. Não é porque somos cegas que a gente não possa fazer arte. Mas a gente ainda não tem muito reconhecimento em arte. Rimos com a possibilidade de ocupar aquele lugar que nos foi, e ainda nos é, muito negado. A janela da expressão. Arte como lugar onde você é visto: o lugar da visualidade. Nós, mulheres cegas e com baixa visão, podemos ocupar esse lugar. Escancarar essa janela. Temos algo a dizer sobre visão. Temos algo a dizer sobre imagem. Temos algo a dizer sobre ser visto e temos expressividades pra colocar no mundo. Com a leveza e com a alegria de uma risada.

Um pé firme bate seco no chão demarcando, na convicção do gesto, o limite que não se quer mais atravessado. Todas nós batemos o pé diariamente, por diferentes assuntos, diferentes situações. Somos obrigadas a bater o pé ou então seremos aprisionadas no derrotismo. Resolução interna: aqui não permito mais. Pensamos nas mulheres que não estão aqui, que não tiveram forças para bancar essa atitude. Não posso buscar só para mim, tenho que levar pras minhas iguais. Encontrar no coletivo um leme, uma luz, uma direção. Uma vez que a resolução se fortalece em mim ela vai contaminar as pessoas ao redor. As que tiveram condições de ir arrastam, incentivam as outras, levam junto consigo as que ainda não tem coragem. Mudança por contágio. Nossa luta ainda é grande, mas nós temos que fazer barulho, não podemos parar.

-“Escolhi aquele grito de socorro por que dentro de mim muitas portas não estão fechadas”. Na cumplicidade do encontro sentimentos ocultos aos poucos saem pelas portas se abrindo. A dor que brigava e nos deixa em alerta ainda arde e nos faz sofrer. Nos fizeram chorar. A pele transpira, tensa e forte, a vibração se faz sentir pelos poros e o suor desce incontrolável. Outras faces se revelam. Quando a gente tem um trauma é preciso falar, é preciso afagar esse problema pra que haja um desenvolvimento. Tem medos de hoje que a gente nem imaginava que está ligado a certas coisas que nos aconteceram, mas tem total ligação. As dores de cada uma ali pungentes, ardendo no fogo de nossos mais obscuros becos da alma.

A energia que flui naquele grito aquece abraços fortes. Gritar socorro em uma mesma sintonia traz libertação. Liberdade de estar nessa orbe, vivendo de forma menos condicionada ao que nos prende lá atrás. Pesa muito menos. Experimentar respirar de forma mais absoluta e consciente. Liberar o -1 daquilo que permeia nossas existências. Cobras que ali deixam suas peles saindo em busca de novas vivências. Algo floresceu de forma tão forte e leve. Como pode ser assim, forte e leve, ao mesmo tempo? Dois sentimentos que se afastam e ao mesmo tempo se complementam. Trouxe reconhecimento de si mesma e da outra.

Um som suave e cantado reúne em torno de si mulheres que estão na busca por um lugar de remanso. O lugar da casinha branca com flores na janela. Embora tenham cumprido exemplarmente com tarefas profissionais, recebendo o devido reconhecimento, sentem lá no âmago que a caminhada poderia ter sido mais leve. Corpos marcados pela dedicação extrema e auto-cobrança. Atribuíram a rigidez de suas posturas à limitação visual e também ao +1, exigência de superação imposta dentro de suas famílias. Era preciso compensar, ultrapassar, ganhar independência e ainda ser exemplo! Com tanta exigência, onde é que a gente encontra a pausa? Tomada de consciência da necessidade de buscar um intervalo de conforto onde se possa respirar, se despir de tanta luta, pra estar bem consigo mesma. Temos que nos permitir ir em busca da tão sonhada felicidade.

Quem será por nós senão nós mesmas? O eco destas palavras fez vibrar as células de nossos tecidos. Mistérios da vida nos são revelados quando abrimos o corpo e a alma pras descobertas. O cansaço e a necessidade de relaxar para se sentir melhor foi uma manifestação coletiva que calou fundo em cada uma. Ânsia por viver de forma mais tranquila, um lugar de pertencimento. Os percalços surgiram e todas criamos nossas armaduras para o enfrentamento necessário. Falar sobre as marcas traz movimento. Esse movimento ele tira o limo. Abre lugar pras coisas novas.

A sensibilidade da escuta construiu uma espécie de cama elástica pra que pudéssemos nos jogar de corpo inteiro na experiência. Oportunidade de nos colocarmos umas às outras em segurança no momento de desabafo. Ninguém aqui é mais refém do medo, da violência ou da opressão que viveu. Cicatrizes vão sempre compor nossos sentidos, mas já não tem mais a carga que tiveram. Mergulhamos bem fundo naquela atmosfera maravilhosa, apesar de tanta dor. Uma vez que aceitamos o desafio, nos tornamos eletricamente ligadas. Na beleza do compartilhar está a conexão estabelecida. Uma espécie rara de cumplicidade e confiança. Somos partes de um organismo

complexo que se alimenta da via de mão dupla das relações. Isso é o que traz sustentação.

Percebemos os caminhos que fomos obrigadas a trilhar com o objetivo de tirar o melhor proveito de tudo que sofremos. Dores físicas e psicológicas de proporções quase inimagináveis. Mas era da vida real que se tratava, não de contos de ficção. A cada vez que você conta essa história é um pouco mais da violência que sai do seu corpo. Caímos muitas vezes, mas a vida nos ensinou à permanecer de cabeça erguida na queda, e ainda ajudar outras pessoas. Nossa vontade de viver e transpor barreiras foi maior que tudo. Quem dá o ponto final é você, a vida é sua. Não importa aquilo que fizeram da gente mas o que a gente escolhe fazer com o que tentaram fazer da gente. O ser humano tem uma capacidade impressionante de se adaptar, mas temos que escolher nos adaptar às coisas boas. Você não tem que se acostumar com a violência. Temos sim que escolher o que é melhor pra gente, é isso que a gente merece. Estar no lugar em que a gente quer estar.

Quando olhamos pela perspectiva da deficiência a vida vem e passa um rolo compressor na gente. Ela vem e ela não vem suave. Vem como uma marreta, uma coisa que te avassala e te coloca numa prova de resistência, de resiliência. É muito marcante. Como se você tivesse o tempo inteiro com um pedido de socorro nos lábios, no coração. Como se houvesse uma coisa presa na garganta. Um movimento como esse é o soltar da garganta, é a gente gritar e pedir socorro e ter a certeza de que tem gente pra ouvir.

Juntas escrevemos uma outra história, com capítulos mais interessantes. Reconhecemos o valor de cada lágrima e de cada gesto de compaixão e empatia recebidos. Oportunidade de colocarmos pra fora um pouco do que trazemos há anos no íntimo do nosso coração. Foi muito duro ouvir e falar, mas foi muito gratificante sentir a corrente elétrica percorrendo nossa pele. A gente se acolheu, se ouviu, choramos juntas, a gente se ajudou. Quem sabe aproveitar a troca se nutre e recebe a recarga de energia pra poder se conectar e seguir. Nossos poros se abriram em flor, exalando um perfume de plenitude e consciência do nosso lugar na magnífica dança da vida.

Palavras se esvaem, mas os sentimentos se eternizam. O tempo nos dá a condição de distância, o amor nos dá a condição de afetividade. Acontecimentos gravados na pele, onde a energia nunca se perde, girando viva nas trocas. Do mesmo modo que sai de mim, retornará de forma diferente. A reconhecerei no abraço, contendo todos os instantes de dor e alegria daquela manhã. O momento não se perdeu. Está

pulsante em cada uma de nós, em um lugar chamado libertação: a fala, o toque, a amorosidade do ouvir e do poder ser outra.

O que um corpo que não vem como a sociedade espera tem a oferecer? Será que um dia vamos nos desvencilhar de todo esse passado? Conseguiremos viver sem estar apegada a essas grandes lembranças? Tudo que a gente vive, tudo que a gente reflete está diretamente ligado ao que nós fomos e ao que nós somos. Somos mulheres do tempo presente, percebemos a vida do ponto onde estamos. Não nos emocionamos com discursos fáceis, não olhamos pra trás com saudades ou sentimento de perda. Luto pra não intervir com as minhas escolhas, meus consensos ou dissensos, na vida de outras pessoas. Escolhas são de cada uma, e de todas. E as nossas são próprias das mulheres que somos, da vida que vivemos, dos lugares significativos para os entendimentos e as falas que fazemos. “Nossa mãe, que Deus nos dê vida longa!”, que a gente possa, em cada canto que a gente passar, deixar um pouco de nós.

Entendemos a luta por autonomia pelas mulheres cegas e com baixa visão como árdua e justa. Necessária de ser construída todos os dias. Ela se faz mais rápida e plena na perspectiva da alteridade: eu me percebo na outra, eu me reconheço nas tantas outras. Sempre imperativo tecer considerações sobre as narrativas que construímos sobre a deficiência, acrescentando-se a isso nossas trajetórias que se constroem de dentro ou de fora da porteira. Precisamos nós mesmas construir narrativas que nos percebam de um outro lugar, ampliar nossos espaços de participação. A pergunta que se apresenta todas as vezes diante de si: em que momento as mulheres que sou, enquanto pessoa com deficiência, afrodescendente, feminista ou socialista, se encontrarão num mesmo lugar? Menos apartadas de si mesmas e mais apropriadas das suas lutas e caminhos a trilhar. Ainda preciso arar dentro de mim outras mulheres, outras Cristinas, outras Gislanas, outras Helenas, outras Cinthyas, outras Raquéis, outras Jucelmas, outras Marilenas, outras Ritas, outras Terezinhas, outras Olivias, outras Anas Paulas, outras Aldaís, que com certeza estarão também em busca de si mesmas e das outras mulheres que habitam os seus corpos.

Referências bibliográficas

ARTAUD, Antonin. 1995. *Linguagem e vida*. São Paulo: Perspectiva.

BORGES, Helia. 2019. *Sopros da pele, murmúrios do mundo*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

FOUCAULT, Michel. 2010. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes.

HUGHES, Bill. 2012. “Civilising Modernity and the Ontological Invalidation of Disabled People”. In: GOODLEY, D.; HUGHES, B; DAVIS, L. *Disability and social theory*. Hampshire: Palgrave, p. 17-32.